



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9969 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT14 - Sociologia da Educação

“SEGUINDO PIERRE BOURDIEU NO CAMPO” : A OBJETIVAÇÃO PARTICIPANTE
COMO CAMINHO METODOLÓGICO NA PESQUISA COM CATADORES DE
MATERIAIS RECICLÁVEIS

Gabriela Albanás Couto - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Ione Ribeiro Valle - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES/CNPq

**“SEGUINDO PIERRE BOURDIEU NO CAMPO”^[1]: A OBJETIVAÇÃO
PARTICIPANTE
COMO CAMINHO METODOLÓGICO NA PESQUISA COM CATADORES DE
MATERIAIS RECICLÁVEIS**

Este trabalho apresenta reflexões geradas em uma experiência de pesquisa com catadores(as) de materiais recicláveis que teve, a partir das contribuições de Pierre Bourdieu (1930-2002), a ideia de objetivação participante mobilizada como eixo central. A pesquisa inspirou-se no *modus operandi* desenvolvido pelo sociólogo, do qual destaca-se, ainda, a noção de vigilância epistemológica. O percurso metodológico, a aproximação com o campo e com um grupo social específico e desafiador e a relação dos participantes da pesquisa com seus resultados e desdobramentos são objetos de análise deste trabalho. A coleta de dados foi realizada em uma associação de catadores composta por um grupo familiar do qual foram identificadas três gerações, sendo que as mais jovens viam o empreendimento como uma “herança” de seus antepassados e continuidade do legado familiar. As análises mostraram questões relacionadas à passagem do tempo, aos saberes e valores transmitidos entre as gerações e sua relação com o trabalho na reciclagem em seus diferentes significados. Foram identificadas permanências, que podem sinalizar a constituição de um *habitus* e, também, possíveis rupturas com a condição vivida, através de estratégias e apostas em relação à escolarização de si na Educação de Jovens e Adultos e de seus filhos na escola convencional.

Palavras-chave: Pesquisa participante; Práticas sociais e educacionais; Catadores de materiais recicláveis; Pierre Bourdieu.

Este texto tem por objetivo apresentar algumas reflexões acerca do percurso metodológico de uma pesquisa^[2] inspirada no *modus operandi* de Pierre Bourdieu (1930-2002), especialmente em suas incursões etnográficas, presentes nos primeiros escritos do sociólogo. Dada a relevância desta influência para nossos estudos e para a formação de

jovens pesquisadores da área da sociologia – e sociologia da educação –, importa analisar duas caras noções do edifício bourdieusiano, a objetivação participante e a vigilância epistemológica, quando mobilizadas em pesquisas de campo de cunho etnográfico.

O estudo que dá origem a este trabalho foi desenvolvido junto a um grupo organizado de catadores de materiais recicláveis que trabalham de forma familiar há três décadas. A coleta de dados identificou composições e arranjos familiares presentes na Associação: 70% de seus membros eram da mesma família e foram identificadas três gerações trabalhando juntas, sendo que as mais jovens viam a Associação como uma “herança” de seus antepassados e o trabalho feito ali como a continuidade de um legado familiar. Apesar de decorridos 30 anos desde o início do processo migratório ainda podiam ser observadas práticas sociais presentes no grupo pioneiro. Assim, questões relacionadas à passagem do tempo, aos saberes e valores transmitidos entre as gerações familiares que revelam permanências do passado e ao trabalho na reciclagem em seus diferentes significados foram alguns dos elementos analisados.

Para esta finalidade mobilizamos o conceito de tempo em Bourdieu (2007), organizando as análises dos dados em três dimensões temporais: 1) o passado da Associação, remontando seu histórico a partir de entrevistas e pesquisa documental; 2) o seu presente, buscando conhecer, por meio de estudo etnográfico, a *illusio* presente no grupo, suas apostas nesta profissão tão precária e estigmatizada, bem como formas de ser e de resistir diante de tal condição e, 3) em termos de futuro, verificar as permanências, que sinalizam a constituição de um *habitus* e, também, possíveis rupturas com a condição vivida, através das estratégias e apostas em relação à escolarização de si na Educação de Jovens e Adultos e de seus filhos na escola convencional.

Outrossim, o que apresentamos são reflexões acerca do fazer pesquisa de campo, estar em campo e se relacionar com o campo, a partir das experiências vividas em pesquisas com um público específico: os catadores de materiais recicláveis. Para tanto, em primeiro lugar, consideramos que as escolhas teórico-metodológicas de uma pesquisa são também opções políticas. Investir um bom tempo em campo, no intuito de criar vínculos, de construir uma relação de confiança entre pesquisador e participantes da pesquisa, envolvê-los de modo que não se percebessem como meros expectadores ou indivíduos “em observação”, mas que, pensando com Rancière, pudessem se tornar “espectadores emancipados”, no sentido de que emancipação significa, aqui, “o embaralhamento da fronteira entre os que agem e os que olham” (RANCIÈRE, 2012, p. 23). Nesta perspectiva a pesquisa pode ser concebida como uma obra de “tradução”, em que o pesquisador se coloca a aprender o idioma falado em determinado campo. Ou ainda, como nos ensinou Paulo Freire (1983), fazer pesquisa para devolver de forma organizada, refletida, aquilo que nos foi entregue de forma espontânea pelo campo.

Para Bourdieu, a observação participante passa a ser *objetivação participante*, pois importa pensar a si mesmo na relação com o objeto. Objetivação não apenas do objeto sociológico, mas do próprio sujeito objetivante, o pesquisador. Ou, ainda, o exercício constante de “praticar um distanciamento em relação a si mesmo em face do objeto estudado (PAUGAM, 2015, p. 22). O campo de pesquisa com catadores, ou com grupos similares, sensíveis e em situação de exclusão social, de marginalização etc., requer do pesquisador uma constante postura de vigilância e de auto-sócio-análise, algo como “uma emoção raciocinada” (MICELI, 2005).

Gonçalves Filho (2004) alerta que o que se vê é sempre uma estimativa, algo que jamais coincidirá com os olhos dos nativos. Por isso a importância de ouvi-los, de sentar-se perto, junto, em um lugar intermediário que se forma a partir desse encontro, um lugar

feito de quem saiu do seu e foi sentar-se em lugar estranho, ao lado de um nativo. Sentar-se ao lado traz conversa entre cidadãos e o gosto pela opinião dos outros. Nem sempre os nativos, para falar, precisam que nos sentemos ao lado deles: mas nós, para ouvi-los, precisamos sempre (GONÇALVES FILHO, 2004, p. 47).

A análise dos dados, por sua vez, também requer atitude semelhante. “Mesmo as operações mais elementares e, na aparência, as mais automáticas do tratamento da informação implicam escolhas epistemológicas e mesmo uma teoria do objeto” (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2002, p. 60). E os dados qualitativos só podem ganhar sentido através do olhar interpretativo do pesquisador (JUSTO; CAMARGO, 2017).

Em termos de coleta de dados, foram utilizadas a aplicação de questionário fechado, entrevistas semi-estruturadas, pesquisa documental e elaboração de uma árvore genealógica da família que compõe a Associação. Para que a proposta tivesse adesão, foram precisos meses de construção de vínculo com os participantes, pois a elaboração da árvore tocava em questões de foro íntimo/particular, tais como poligamia, divórcio, abandono familiar e diversas outras situações complexas e/ou traumáticas por eles vividas.

Em relação às entrevistas a questão do vínculo também foi definitiva. Apenas no segundo ano em campo foi possível conquistar a confiança dos interlocutores a ponto de nos confiarem traumas, dores, segredos, mediante a relação estabelecida na permanência prolongada e persistente em campo. O trecho a seguir[3] é parte de uma das entrevistas e trouxe elementos relevantes à compreensão do fenômeno investigado.

Tinha algumas situações que a gente passava... Por exemplo, a gente passava na frente de um colégio, aí tinha os pais que iam pegar os filhos no colégio, e quando eles viam que a gente vinha de um lado da rua, lá de longe eles já pegavam os filhos pelo braço: “ô, tá vindo o lixeiro!” e já corriam do outro lado da rua para não passar perto da gente. Então é uma coisa assim que eu ficava, sabe, constrangido, às vezes até com vontade de xingar, de falar alguma coisa assim, mas eu conseguia superar... A gente estava puxando o carrinho... Pessoas passavam com carro e chamavam a gente de cavalo sem rabo, outros passavam e gritavam “ô, lixeiro” ... Isso ali a gente ficava assim... Com o tempo a gente acabou meio que acostumando, aquilo pra nós não era mais ofensa, sabe? Mas no início, assim, foi bem complicado (Entrevistado de 42 anos, segunda geração).

Outro aspecto relevante é que, a partir de nossa permanência em campo, foi possível, conhecer a demanda por escolarização daqueles trabalhadores, fosse por sonho ou por necessidade material. Surgiu assim a ideia de abrir uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA)[4] para atender ao grupo, que funcionasse no próprio espaço da Associação[5]. Se os desdobramentos imediatos da tese tiveram impactos positivos na Associação, foram também muito relevantes para a nossa pesquisa, pois por meio deles laços foram estreitados com o grupo.

Tal qual o observador participante Willian Foote Whyte em *Sociedade de Esquina*[6], o estreitamento de laços com os informantes-chave, pautado pelo “princípio de reciprocidade interpessoal” fortaleceu o processo e ajudou a legitimar os achados, uma vez que com o tipo de relação estabelecida naturalmente iam sendo debatidas as fontes e inclusive alguns resultados, à medida que iam aparecendo. Consideramos assim que esta pesquisa permitiu levar a efeito a objetivação participante: observação e participação, observação e engajamento, nas demandas percebidas e sentidas.

Com tudo isso, acreditamos que a maior contribuição da pesquisa empreendida foi ter proporcionado aos catadores da Associação um reencontro com a própria história. A partir de

nossos questionamentos, iam eles mesmos se questionando entre si, lembrando histórias, trazendo fotos e documentos e contribuindo como podiam com a pesquisa. O ponto alto deste processo foi a elaboração da árvore genealógica, que envolveu os familiares presentes na Associação e de fora dela. Um verdadeiro processo de racionalização da emoção, de se apropriar do próprio passado, reencontrar as origens caboclas e de perceber-se como parte de uma história coletiva, questões cujos impactos não são possíveis de serem mensurados a curto prazo.

Por fim, consideramos que a objetivação participante foi uma postura que nos ajudou a ler as especificidades *daquele* grupo, as relações de poder, as hierarquias, as disputas internas, as condições de trabalho e de vida, os laços familiares, as concessões e as exclusões, sem perder de vista as homologias deste com outros grupos de catadores investigados em trabalhos anteriores, de modo a poder generalizar as questões de pobreza, precariedade e exclusão social que são comuns a esses grupos em todos os lugares.

Estar em campo, naquele campo, significou colocar-nos do lado de dentro da Associação. Afinal, não seria possível observá-los sem sentir os odores (muitas vezes acentuados), sem receber toda a poeira dos resíduos que sobe quando os caminhões descarregam o material, sem ter medo das várias formas de contágio possível que aquele ambiente oferece, sem sentir tristeza pelas muitas histórias de violência física e simbólica, de rupturas, perdas, adoecimento, preconceitos, racismo etc. que recolhíamos a cada visita. Fosse para observar, fosse para objetivar a observação, estar ali nos *afetaria*, nos termos de Favret-Saada (2005), como pesquisadoras e como pessoas, em todos os sentidos e para sempre.

Referências

- BAGNO, Marcos. *Gramática de bolso do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalianas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude., PASSERON, Jean-Claude. *A profissão de sociólogo*. Preliminares epistemológicas. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2002.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. *Cadernos de campo*, n. 13, p. 155-161, 2005. Tradução de Paula Siqueira.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GONÇALVES FILHO, José Moura. A invisibilidade pública. Prefácio. In: COSTA, Fernando Braga da. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004, p. 9-47.
- JUSTO, Ana Maria; CAMARGO, Brígido. Viseu. Estudos qualitativos e o uso de softwares para análises lexicais. *Cadernos de Artigos X SIART e II SERPRO*, Lageres/UNIGRANRIO. Duque de Caxias, RJ: Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO, 2017, p. 37-57.
- MICELI, Sérgio. A emoção racionada. Introdução. In: BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- PAUGAM, Serge. A reflexividade do sociólogo. In: PAUGAM, Serge (Org.). *A pesquisa sociológica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 358. [Coleção Sociologia].
- RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

WACQUANT, Loïc. Seguindo Pierre Bourdieu no campo. Dossiê Pierre Bourdieu no campo. *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, 26, Jun. 2006. p. 13-29.

WHYTE, Willian Foote. *Sociedade de esquina*. A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

[1] Alusão ao artigo de Loïc Wacquant “Seguindo Pierre Bourdieu no campo” que integra o dossiê Pierre Bourdieu no campo, publicado na Revista de Sociologia e Política da Universidade Federal do Paraná em 2006 (vide Referências).

[2] O presente trabalho parte de reflexões geradas por uma tese de doutorado inscrita no campo da sociologia da educação que teve por objetivo compreender as práticas sociais observadas em uma associação de catadores de materiais recicláveis a partir de uma perspectiva geracional. Para tanto, buscou-se reconstituir parte do histórico do grupo, localizando as raízes de seus integrantes mais antigos na zona rural, onde eram coletores de erva-mate antes de migrarem para a Capital do Estado, passando a serem catadores de papelão no início da década de 1990.

[3] Foi mantida a linguagem original dos entrevistados, sem destaque, considerando-se, assim, a legitimidade da língua falada pelas camadas populares, na perspectiva defendida pelo linguista Marcos Bagno (2013).

[4] Para tanto, alguns passos foram tomados em um processo de apropriação do direito à educação, de autonomia dos catadores em se organizarem para aquela conquista, que partiram para a organização de sua própria sala de aula no local de trabalho.

[5] Outro desdobramento de nossa permanência e trabalho em campo foi a criação de um curso de extensão universitária em produção audiovisual, batizado de “Reciclando Conceitos Audiovisuais”, em parceria com o Laboratório de Cinematografia da UFSC.

[6] Tendo sido publicado originalmente nos Estados Unidos em 1943, o livro é referência em estudos que adotam a Pesquisa de Ação Participante e nos serviu de inspiração ao longo do desenvolvimento da tese.